

## A ORDEM VARIÁVEL DO ADJETIVO NO SN: UMA QUESTÃO SEMÂNTICO-DISCURSIVA

Ademar DA SILVA  
(DME - UFSCAr)

**RESUMO** Neste trabalho, propomos uma categorização para os adjetivos em posição atributiva e analisamos a ocorrência dessa categorização em vários tipos de textos para identificar o que determinaria o uso de Adj+N ou N+Adj. As categorias sintático-semânticas sozinhas não explicam tal variação. É a correlação entre elas e o contexto discursivo que predetermina a escolha de uma posição no sintagma, demonstrando que a posição pós-nominal - típica do adjetivo - é, em alguns casos, relativa.

**ABSTRACT** In this paper, besides proposing a category system for the adjectives in attributive position, we analyze them in literary, scientific and journalistic texts in order to identify what would determine the use of Adj+N or N+Adj. Only Syntactic-Semantic categories do not explain such variation. It is the interaction between them and the discursive context that predetermines the choice of a position in the noun phrase, which demonstrates that the typical post-nominal position of the adjective is, in some cases, relative.

### INTRODUÇÃO

As estruturas sintagmáticas N+Adj e Adj+N - *mulher bonita e bonita mulher* - existem desde os primórdios da língua portuguesa. Ao longo da evolução dessa língua, uma estrutura tem sempre sobrepujado a outra em número de ocorrência, prevalecendo, no século XX, a posposição do adjetivo. Essa variação tem sido estudada por vários gramáticos e lingüistas que descrevem, categorizam e apontam algumas causas para a variação do adjetivo no sintagma, sem, contudo, chegar a uma explicação precisa.

Segundo Cohen (1979), no português arcaico/médio, por mais de três séculos, a ordem preferencial era Adj+N e, a partir da metade do século XVIII, passou a prevalecer um maior número de posposição<sup>1</sup>:

		SÉCULOS						
		XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
1° texto	anteposição	63%	82%	31%	64%	72%	37%	23%
	posposição	37%	18%	69%	36%	28%	63%	77%
2° Texto	anteposição	89%	82%	65%	78%	30%	31%	18%
	posposição	11%	18%	35%	22%	70%	69%	82%

Taxas altas de anteposição no século XIV: 63% e 89% caem para 23% e 18%, no século XX, tendência que permanece até os dias de hoje, prevalecendo maior ocorrência de N + Adj. A grande quantidade de anteposição até o século XVIII se deve à estrutura SOV em latim, ou seja, operadores à esquerda do núcleo (verbo). Evoluindo, o português fixa modernamente a estrutura SVO, possibilitando a ocorrência de operadores à direita e à esquerda do núcleo da qual a dupla posição do adjetivo é consequência natural.

Na perspectiva tipológica da *Harmonia Transcategorial* de Howkins (1982), uma língua com operadores verbais dos dois lados deve ter, no sintagma nominal, operadores pré e pós nome: Adj+N é harmônico com Suj+V e N+Adj com V+Obj.

Para Kato (1988), que se baseia nessa perspectiva tipológica, o fato de o português admitir construções com verbos impessoais e com sujeito posposto demonstra a maior produtividade da posição pós-verbal preenchida por operadores do que a pré-verbal. Consequentemente, a posição pós-nominal é também mais produtiva, o que explica o maior número de adjetivos nela. Os poucos adjetivos que ocupam a posição pré-nominal são do tipo atitudinal, codificando uma opinião do falante.

Esses estudos demonstram a tendência evolutiva sintática. No entanto, os dois usos ainda continuam presentes e firmar que a anteposição expressa a atitude do falante não responde a complexidade da questão. Uma explicação para isso, talvez esteja na liberdade de colocação dos constituintes na sentença do Latim Clássico, explicitada por Câmara Jr. (1979). Para ele, apesar de “livre”, havia implicitamente dois fatores regendo a colocação: um gramatical, fixo, e outro, livre, fazendo com que, na linguagem literária, em nome de motivações estilísticas, estruturas fixas fossem frequentemente substituídas por colocações mais soltas existentes na língua.

Diferentemente do francês, a fixação da ordem das palavras, na evolução do português, não foi tão rigorosa, ficou entre os dois extremos: nem tão rígida, nem tão livre, o que é comprovado pela variação dos adjetivos no sintagma. A posposição é a

<sup>1</sup> Cohen (1979) utilizou dois textos representativos de cada século (do XIV ao XX), sem explicitar o tipo. Aproximadamente 150 SN's foram extraídos de cada texto, perfazendo um total de 2100.

ordem mais comum (menos marcada), porque cumpre o princípio funcional básico do sistema: o máximo valor informativo deve estar no fim dos predicados (núcleos): nominais e/ou verbais. Daí, a maior produtividade de N+Adj (*momento agradável*). Sem essa carga informativa e descritiva (denotativa), a anteposição caracteriza-se como um típico recurso estilístico (conotativo), o que a torna posição mais marcada (Tarallo 1994). Tal informação adiciona algo mais à nossa busca: além de atitudinal, a anteposição é recurso de estilo em textos literários.

Apesar de as duas possibilidades coexistirem, sabe-se hoje em dia que a colocação do adjetivo não é absolutamente livre, segue alguns princípios explicitados nas subclasses. Para Borba (1996), os *classificadores*, como um modo de relacionar entidades, são sempre pós-nominais e os *qualificadores*, como uma maneira de conceber (apreciar, avaliar, julgar) o mundo, aceitam as duas posições com vários tipos de implicações semânticas. Acreditamos que essas categorias sintático-semânticas sozinhas não explicam tal variação. Como a questão resvala sempre no gênero literário, no estilo do autor, achamos também que deve existir uma correlação entre elas e o contexto discursivo como fator determinante na escolha de uma posição no sintagma. Neste trabalho, com base em uma proposta de categorização para os adjetivos em posição atributiva por nós formulada, analisamos sua ocorrência em textos *literários, científicos e jornalísticos* para identificar o que determinaria o uso das estruturas: Adj+N ou N+Adj<sup>2</sup>.

## 1. UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO

Na esteira de Borba (1996), Neves (2000), Casteleiro (1981), Nunes (1997), Lemle (1984) e Teyssier (1968) propomos três classes sintático-semânticas para os adjetivos em posição atributiva: *Avaliativo, Classificador e Determinativo*, que serão definidas a seguir:

### 1.1. Adjetivo Avaliativo

O *avaliativo* é aquele que tem sua aplicação dependente de julgamento subjetivo. Pode ocorrer (a) *posposto* ou (b) *anteposto*:

1 - *Por meio de vidros, e de cristais, cuja concavidade encerra sobrenatural magia; por meio de lunetas de força excepcional (A 18).*

---

<sup>2</sup> O trabalho de classificação, resultado do projeto em andamento: *A correlação entre a expressão do adjetivo no grupo nominal do inglês e do português* teve a colaboração de um bolsista FAPESP de IC, Albano dalla Pria, aluno do curso de Letras da FCL-UNESP-C/Ar.

(a) *Avaliativo posposto* determina um subconjunto do conjunto designado pelo nome que lhe precede e expressa propriedade que, no contexto, tem função descritiva. Pode modificar a compreensão do nome:

2 - (...), *são as jovens formosas com que sonhas em sonhos doidos de amor ainda mais doido*; (...) (A12).

3 - *Que a lingüística tenha percorrido, de maneira exemplar, os caminhos que a ciência se permite e exige é hoje um fato incontestável* (F21).

(b) *Avaliativo anteposto* torna-se uma propriedade inerente ao nome que passa a ser designado por ela. Aplica-se à intensão do nome e, diferentemente do avaliativo posposto, não determina um sub-conjunto do conjunto designado pelo nome.

4 - *Mandei embora o hábil professor e fiquei literato* (A 9).

5 - *Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto* (E15).

## 1.2. Adjetivo Classificador

O *classificador* não expressa propriedade, apenas relaciona entidades, classificando-as. Ocorre sempre posposto. Modifica a extensão do nome e, como o avaliativo posposto, coloca-o numa sub-classe, só que, nesse caso, de forma objetiva, sendo por isso definitório. Divide-se em dois grupos: *argumental* e *não-argumental*:

6- *Se manifesto de leve esse desejo, alvoroça-se o amor fraternal...* (A11)

7- *Pode ocorrer que uma cultura de aprender a que se prende um aluno para abordar uma língua estrangeira não seja compatível ou convergente com uma abordagem específica de ensinar de um professor, de uma escola ou de um livro didático* (D13).

8- *Numa Copa mundial de modismos, a Inglaterra teria garantido a vaga na final* (G 64).

No primeiro exemplo *fraternal* expressa o que seria o complemento do nome, ou seja, nele está subjacente a interpretações: *amor de irmão*, por isso é

interpretativamente argumental<sup>3</sup>. Nos demais exemplos: *estrangeira*, *didático* e *mundial* apenas classificam sem possuir interpretação argumental.

### 1.3. Adjetivo Determinativo

O *determinativo* é aquele que se antepõe ao nome delimitando sua extensão. Assim como os *adjetivos determinativos* da gramática tradicional, esse grupo inclui tanto os que quantificam como os que determinam o nome. São exclusivamente antepostos:

9 - *A única oposição organizada é a dos movimentos islâmicos (G53).*

10 - *(...)é contudo consolador observarmos que uma certa filosofia é a melhor ortopedia para os aleijões (C15).*

Note-se, nos exemplos acima, a função delimitativa dos adjetivos. Enquanto *única* expressa quantificação, *certa* determinação. Salientamos que a mudança de posição de um *determinativo* implica mudança de categoria e conseqüentemente de significado:

11 - *Assim a substância dentro da qual se estabelecem distinções e equivalências de significado pode ser organizada de diferentes formas em línguas diferentes (E58).*

12 - *A escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que tecnologia (E16).*

13 - *O fato é que em resultado de vinte tratamentos diversos não vi uma linha adiante (A9).*

Em (11), *diferentes formas*, o adjetivo *diferentes* é *determinativo* e significa *várias*. Já em *línguas diferentes*, é *avaliativo posposto* e significa *línguas distintas, diversas*. O mesmo se aplica a *diversos tipos* que, em (12), significa *vários*. Já esse mesmo adjetivo posposto, em (13), quer dizer: *tratamentos diferentes, distintos*.

Pressupondo uma correlação entre as categorias sintático-semânticas: *avaliativo, classificador e determinativo* e o contexto discursivo na escolha de uma posição, selecionamos três tipos de textos diferentes para identificar o que determinaria o uso de Adj+N ou N+Adj, o que configura um estudo textual e discursivo do adjetivo.

---

<sup>3</sup> Menuzzi (1992) afirma que alguns adjetivos comportam-se “interpretativamente como NPs argumentais” (p. 151) e, como o português lineariza seus argumentos à direita do núcleo, esses adjetivos ficam impossibilitados de ocorrer antes do nome.

## 2. ANÁLISE

Num corpus composto de textos literários, científicos e jornalísticos<sup>4</sup> constatamos que, quantitativamente, há maior ocorrência da posposição:

ESTRUTURAS	Nº de SNs
Adj. + N	336 (29,4%)
N + Adj.	805 (70,6%)
Total de SNs	1141

De 1141 sintagmas, 805 apresentaram casos de adjetivos pospostos e 336, antepostos<sup>5</sup>. 70,6% casos de posposição confirmam que esta é a colocação predominante do adjetivo no português (cf. Cohen 1979).

No entanto, 29,4% de anteposições são um fato que não se pode ignorar. Deve haver algo que motive a escolha de uma posição em detrimento da outra, ou seja, elementos desencadeadores não explicitados pelas categorizações semânticas. Para explicar tal fato, separamos e contamos as ocorrências dos adjetivos *avaliativos*, *classificadores* e *determinativos* nos três tipos de textos. Veja-se o quadro:

Posição	Categoria	Literário	Científico	Jornalístico
Anteposição	Avaliativo Ant.	159 (40,6%)	31 (7,7%)	86 (24,8%)
	Determinativo	21 (5,4%)	27 (6,7%)	13 (3,5%)
Posposição	Avaliativo Posp.	155 (39,5%)	161 (40,0%)	126 (36,4%)
	Classificador	57 (14,5%)	184 (45,6%)	122 (35,3%)
Total		392	403	346

Note-se que, nos textos literários, o número de anteposições (46,0%) se aproxima do número de posposições (54,0%). Se, desse número, não considerarmos os *determinativos* e os *classificadores*, que são obrigatoriamente antepostos e

<sup>4</sup> O corpus, trechos de aproximadamente 12 a 15 páginas, escolhidos aleatoriamente, foi extraído de três romances: (A) Macedo, Joaquim M. de. *A luneta mágica*. São Paulo: Ática, 1971: 9-21; (B) Guimarães, Bernardo - *O Seminarista*. São Paulo: Ouro, 1959: 58-75; (C) Castelo Branco, Camilo. *Amor de Salvação*. São Paulo: Saraiva, sd.: 14-31, de três textos científicos: (D) Almeida Filho, J. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. São Paulo: Pontes, 1993: 11-16; (E) Marchuschi, Luiz A. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez Edit., 2000: 15-27; (F) Vogt, Carlos. *O Intervalo Semântico*. São Paulo: Ática, 1977: 21-36 e de vários artigos jornalísticos extraídos das revistas: (G) *Veja*, n26, 3Julho 2001; pp 52-65; (H) *Classe - Revista de bordo da TAM*, n. 77, 1999: 28, 32-35, 38, 40, 44, 46; (I) *Atlante*, n 6, 1991: 20-21, 26, 32-35, 38, 49-51, 100-103.

<sup>5</sup> Adjetivos no superlativo não foram quantificados, uma vez que vêm sempre antepostos.

pospostos, a quantidade de *avaliativos antepostos* é um pouco maior (40,6%) que a dos *pospostos* (39,5%). Nos outros tipos de textos, não ocorre o mesmo. Nestes, a posição é bem maior: 85,6% nos textos científicos e 71,7% , nos jornalísticos. A subjetividade do contexto discursivo literário parece favorecer a anteposição.

O gênero narrativo literário (romance, conto, novela e crônica), por meio da ficção, expressa as relações entre os indivíduos e o mundo, seus conflitos e ligações afetivas. Nele, a sucessão de eventos, marcada pelo verbo, é permeada por momentos descritivos que consistem em tornar verdadeiros e tangíveis os objetos, situações ou pessoas. Vejam-se os exemplos:

14 - *Jantamos, saímos a ver a terra, que eu nunca vira em dezembro, enxergamos à luz crepuscular umas famosas damas da velha cidade que resistiam ao frio da tarde encostadas aos peitoris das suas janelas; entrevimos galantíssimos olhos de outras através das rótulas ... (C22). A casa, onde vivo, rodeiam-na pinhais gementes, que sob qualquer lufada desferem suas harpas. Este incessante ruído é a linguagem da noite que me fala ... (C24).*

15- *De fato a interessante menina em quatro anos tinha-se transformado na mais encantadora moça (...) Ao mais leve sorriso, que lhe entreabria os lábios cavavam-se-lhe nas duas mimosas faces com uma graça indefinível essas feiçoeiras covinhas, (...) (B 70). Eugênio esteve por muito tempo mudo e entregue a um indizível acanhamento (...) (B 72).*

Note-se que os autores, ao descreverem, tentam, por meio de sensações fortes, enriquecer a visão do que é real ou procura-se tornar real e isso é conseguido por meio de adjetivos, principalmente os *avaliativos pospostos* e *antepostos*. No entanto, a mudança de foco, causada pela *anteposição*, faz com que esses adjetivos traduzam mais enfaticamente a impressão emanada da fonte descrita: *são famosas as donas, galantíssimos os olhos, incessantes os ruídos, mimosas as faces; feiçoeiras as covinhas; é interessante a menina e indizível o acanhamento*. Ao determinar um subconjunto do conjunto designado pelo nome que lhe precede, o *avaliativo posposto* reforça, no contexto, a função descritiva: *os pinhais são gementes e a graça é indefinível*.

Ao tornar-se uma propriedade inerente ao nome e ser designado por ela, o *avaliativo anteposto* reforça, no contexto, o efeito de sentido que se quer causar. Em (15) acima, a beleza de Margarida é reforçada pelas anteposições. Outros efeitos também são notados por esse deslocamento. Por exemplo, veja-se o terror causado pelo discurso injuntivo e autoritário do padre, quando descobre que Eugênio escreve versos à Margarida:

16 - *Não se peja dentro da consciência do triste papel que está fazendo (B 58) (...) arranque do corpo essa batina, deite fora esse barrete que está*

*profanando com sua indigna conduta (...) Não consentiremos que esteja aqui pervertendo os outros com o seu pernicioso exemplo (B 59)*

Os valores negativos dos adjetivos: *triste, indigna e pernicioso* são potencializados pela anteposição. Vejam-se também o temor e encantamento vivenciados por Eugênio quando pensa na menina:

17 - (...) *era senão o demônio que tomava a figura dessa menina para perturbar-lhe o espírito, arredá-lo de uma santa vocação (B64) (...) Eugênio julgou ter conjurado para sempre a tentadora aparição, que lançava perturbação em sua alma (B66)*

18 - *Em sua inexperiente confiança já não receava perigo algum em ver em carne e osso aquela encantadora menina, da qual somente a lembrança de outrora o assustava (...) e abandonava-se sem reserva às suaves emoções e ao alegre alvoroço que lhe ofegava o coração(B68)*

Outras vezes a função apreciativa e conotativa das anteposições provoca efeito de ironia:

19 - *Meu irmão que é um santo homem, me dizia: Consola-te mano; tudo tem compensação (...) (A9) - Inocente menina! é um anjo: os seus sonhos são piedosos como as vigílias da tia Domingas (...) ela diz com virginal franqueza que tem meia dúzia de parentes pobres a arranjar, quando o mano Américo for ministro. Meia dúzia só! que abnegação e que desinteresse da prima Anica! (A10) - (...) o mano Américo (...) até hoje está de posse das minhas heranças, que ele emprega e zela (...), mas sem me dizer como, nem jamais dando-me contas; e portanto pensando, negociando e sofrendo por mim o meu pobre irmão! (A11)..*

Os três exemplos são observações carregadas de ironia feitas por Simplício, personagem-narrador, e as anteposições reforçam seu tom irônico. Simplício demonstra perceber que irmão e prima nada têm de *santo, pobre, inocente* ou *virginal* - adjetivos de valores positivos que antepostos ressaltam valores negativos provocadores de ironia.

A partir dos três textos literários (período romântico) analisados, pode-se dizer que a subjetividade desse contexto discursivo favorece a ocorrência de anteposições<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Entretanto, achamos que é necessário observar se essa tendência se mantém em outros gêneros (realista, modernista) literários. Isto será feito na seqüência da pesquisa.

Nos textos científicos e jornalísticos, há uma ocorrência maior de adjetivos pospostos: 85,6% e 71,7% respectivamente. Veja-se o quadro:

Posição	Categoria	Científico	Jornalístico
Anteposição	Avaliativo Ant.	31 ( 7,7%)	86 (24,8%)
	Determinativo	27 ( 6,7%)	13 (3,5%)
Posposição	Avaliativo Posp.	161 (40,0%)	126 (36,4%)
	Classificador	184 (45,6%)	122 (35,3%)
Total		403	346

Os antepostos ocorrem em menor escala: 14,4% e 28,3%. Isso se dá devido às características desses tipos de textos que se utilizam de dados objetivos e concretos da realidade na sua construção. Exemplos:

20 - *Mas que o cientificismo também tenha, no tratamento das línguas naturais, deixado marcas de insatisfação, mostra-o, de maneira privilegiada, o estado em que até hoje, apesar ou por causa de todo aparato técnico da lingüística, se encontram os estudos semânticos (F21).*

21 - *As ruas não têm iluminação pública ou sinais de trânsito. Tudo isso para preservar o aspecto interiorano do lugar. Também não há entrega de correspondência (...), disse a VEJA Fran Foley, responsável pela preservação do patrimônio histórico do vilarejo (G 56).*

Note-se que, nos textos científicos, os 6,7% de *determinativos*, que são necessariamente antepostos, reduzem ainda mais o número de ocorrência de *avaliativos antepostos* nesse tipo de texto:

22 - *(...) a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que tecnologia (E16).*

23 - *(...) a língua se apresenta como a produção de sons pertencentes a um certo vocabulário, cuja organização se faz segundo as regras de uma gramática e possuindo, além disso, uma certa significação (F24).*

Já nos textos jornalísticos, há um aumento significativo de *avaliativos antepostos*: 24,8%. Isso se dá devido às diferenças entre os dois tipos de textos. Apesar de ambos terem dados objetivos e concretos da realidade na sua construção, no texto jornalístico, devido às características discursivas da reportagem e do posicionamento crítico do jornalista, há momentos em que o autor de uma matéria precisa enfatizar certos dados com o intuito de causar determinado efeito de sentido:

24 - *Em Boston, o número de homicídio deu um espantoso salto de 67% (G54).*

25 - *A educação sempre foi um tema de fundamental interesse para o homem (...) É assim que esse amor se constituirá em verdadeira “ferramenta” para uma relação pais/filhos ou crianças/educadores (H 46).*

26 - *De 1930 a 1960, quando Hollywood era dominada pelo grandes estúdios e seus poderosos chefões, os artistas eram contratados por 5 a 7 anos (H 44).*

27 - *Tem gente que ainda insiste em negar as inovações e o valor da eterna bossa nova (...) Tom Jobim deu a entrevista no Rio (...), onde também mantém uma casa, no bucólico bairro do Jardim Botânico (I20).*

28 - *Está se vendo que nenhum desses respeitáveis compêndios tem a menor idéia do que está falando. Qualquer criança sabe, com absoluta certeza, que a Lapônia fica no Polo Norte (...) de características muito diferentes da precisa definição do Webster’s (I34).*

Note-se, nos trechos acima, como os adjetivos *avaliativos antepostos* enriquecem a visão do que é real ou procura-se tornar real. A mudança de foco, causada pela *anteposição*, faz com que esses adjetivos traduzam mais enfaticamente a impressão emanada da fonte descrita, ressaltando o ponto de vista do autor: é *espantoso o salto, fundamental o interesse, verdadeira a ferramenta, eterna a bossa nova, bucólico o bairro do Jardim Botânico, absoluta a certeza, precisa a definição* e são *grandes os estúdios, poderosos os chefões e respeitáveis os compêndios*.

A necessidade de se enfatizar certos dados com o intuito de causar determinado efeito de sentido também ocorre nos textos científicos, mas isso se dá em menor escala, daí apenas 7,7% de *avaliativos antepostos*:

29 - *A sua imperfeição, relativamente à silenciosa auto-suficiência das linguagens artificiais, é o espaço onde se tece o seu compromisso (F36).*

Ressaltamos também que, nesse contexto, a variedade de adjetivos antepostos é limitada e, muitas vezes, repetitiva. Como já mencionado, isso tem a ver com a objetividade do discurso científico, cuja meta é apenas chamar atenção para aquilo que a pesquisa revela. Vejam-se as várias ocorrências de *novo*:

30 - *Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto (E 15). (...) dos bate-papos síncronos (on-line) é uma nova forma de nos*

*relacionarmos com a escrita , mas não propriamente uma nova forma de escrita (E18).*

31 - *Esse é, indubitavelmente, um procedimento com amplo potencial não só (...) como também para a formação de novos professores (...) (D14) Aprender um língua nessa perspectiva é aprender a significar nessa nova língua (...) numa busca de experiências profundas, válidas, pessoalmente relevantes, capacitadoras de novas compreensões (D 15).*

Quando o autor opta por *novo em novo objeto*, esse *objeto* possui individual e inerentemente a propriedade de “ser novo”. Não é relacional e não se insere em nenhuma subclasse. Por exemplo, na do *objeto novo*. O mesmo se aplica aos adjetivos *novos* dos outros exemplos.

## CONCLUSÃO

Os textos analisados demonstram que a posposição (70,6%) é a colocação predominante do adjetivo no português. No entanto, a interação entre uma categorização sintático-semântica e os diferentes tipos de discursos destaca variações quantitativas e qualitativas: (a) nos textos literários, prevalecem as anteposições (46,0%), destacando-se os *avaliativos antepostos* (40,6%); (b) nos científicos, prevalece a posposição (85,6%), destacando-se os *classificadores* (45,6%); (c) nos jornalísticos, prevalece a posposição (71,7%), destacando-se os *avaliativos pospostos* (36,4%).

Os dados demonstram que a posição pós-nominal - típica do adjetivo - é relativa. Dependendo do contexto discursivo, perde espaço para as anteposições. Portanto, tal variação está vinculada à classe do adjetivo e ao tipo de discurso no qual se insere. É ele que, no momento da enunciação, vai definir a escolha do falante pelo valor objetivo (denotativo)/ subjetivo (conotativo) expresso pelo adjetivo. Em suma, é a articulação entre discurso e características sintático-semânticas do adjetivo que predetermina o seu uso no sintagma.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, F.S. (1996). *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática.
- CÂMARA JR, J. M. (1979). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão - Livraria Editora Ltda.
- CASTELEIRO, J.M. (1981). *Sintaxe Transformacional do Adjectivo*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica.

- COHEN, Maria Antonieta. (1979). "O posicionamento do adjetivo no sintagma nominal português". In: *Centro de estudos portugueses da Faculdade de Letras da UFMG*. Vol.12. Belo Horizonte: 58-62.
- HOWKINS, J. A. (1982). "Cross-category, X-bar and the predications of markedness". In: *Journal of linguistics*. 18:1-35.
- KATO, M.A. (1988). "A seqüência Adj + N em português e o Princípio da Harmonia Transcategorial". In: *Letras & Letras*. 4-(1-2): 205-213, jun-dez.
- LEMLE, Miriam. (1984). *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo, Ática.
- MENUZZI, S.M. (1992). *Sobre a modificação adjetival do português*. Campinas. Dissertação de Mestrado em Lingüística - IEL-UNICAMP.
- NEVES, M<sup>a</sup> H de M. (2000). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo, EDUNESP.
- NUNES, Gelza M. (1997). A anteposição dos adjetivos ao nome dentro do sintagma nominal. In: *XXVI anais de seminários do GEL*. Unicamp/Fapesp: 151-156.
- TARALLO, Fernando. (1994). *Tempos Lingüísticos - Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Ática.
- TEYSSIER, J. (1968). "Notes on the syntax of the adjective Inmodern English". In: *Lingua*. 20: 225-249.